

Estudos terminológicos: teorias e perspectivas de análise

Terminological Studies: Theories and Perspectives of Analysis

Roosevelt Vicente Ferreira • Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

• roosevf@uol.com.br

Elizabete Aparecida Marques • Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

• elizabete.marques@ufms.br

Resumen

Este trabalho tem como proposta oferecer uma breve revisão bibliográfica sobre alguns aspectos teóricos importantes da comunicação especializada. De forma sucinta, discorreremos sobre os principais preceitos das teorias terminológicas e dos textos especializados, bem como as particularidades das unidades terminológicas no universo das fraseologias especializadas, da variação denominativa e conceitual, da redução sintagmática e as relações com os semitermos. Almejamos, dessa forma, ao abrirmos o leque dos estudos no universo linguístico da comunicação especializada, estimularmos novas pesquisas sob diferentes pontos de vista no âmbito da comunicação técnica como forma de enriquecimento dos conhecimentos sobre a formação da língua e os aspectos socioculturais de nossa comunidade linguística.

Abstract

This work proposes a brief bibliographic review on some important theoretical aspects of specialized communication. We briefly discuss the main precepts of terminology theories and specialized texts, as well as the particularities of terminology units in the universe of specialized phraseologies, denominational and conceptual variation, syntagmatic reduction and relations with semiterms. In this way, by opening the range of the linguistic universe of specialized communication, we aim to stimulate new research from different points of view in the field of technical communication, as a way of enriching knowledge about language formation and the socio-cultural aspects of our linguistic community.

Palavras chave

Terminologia • Fraseologia especializada • Textos especializados

Keywords

Terminology • Specialized phraseology • Specialized texts

1. Introdução

As transformações da sociedade contemporânea nos aspectos científicos e técnicos repercutem em um rápido avanço tecnológico e no aparecimento de novos conhecimentos que impactam as línguas e geram uma série de necessidades comunicativas. Essas imposições provocam novos campos de investigações, que geram novos conceitos e, por consequência, novas denominações para o vocabulário especializado visto como um fator decisivo para o crescimento do léxico de uma comunidade linguística. Essa diversidade comunicativa contribui para a formação de novos profissionais que assumem a responsabilidade pelo intercâmbio do conhecimento técnico constituído por unidades linguísticas que transmitem o pensamento científico.

Aumenta, dessa forma, a cada ano que passa, a importância dos estudos científicos e linguísticos dos meandros que conformam a comunicação especializada, haja vista as necessidades comunicativas globais provenientes da globalização tecnológica, econômica e social, necessidades essas que acarretam a inevitabilidade de tradutor e os profissionais das linguagens bem entenderem os recursos linguísticos adequados de um domínio especializado.

Por um lado, observamos que as investigações terminológicas no universo acadêmico brasileiro se voltam com muita prioridade às formulações de glossários terminológicos de inúmeras áreas técnicas ou especializadas. Não mitigamos o mérito de tais estudos, mas acreditamos que seja necessário preencher as lacunas de pesquisas de cunho teórico sobre a comunicação especializada sob outros pontos de vista.

Nesse caminho, esta pesquisa de revisão bibliográfica objetiva colocar em causa outras possibilidades e perspectivas de estudos das unidades terminológicas, cujo papel é a transmissão do conhecimento especializado. Fazemos, dessa forma, uma revisão sucinta dos princípios teóricos que substanciam as teorias terminológicas e os textos especializados e relembramos as particularidades das unidades terminológicas na fraseologia especializada, na variação denominativa e conceptual, na redução dos sintagma terminológicos e nas relações com os semitermos, como forma, ainda que singela, de contribuir para novas pesquisas na área da descrição do léxico na língua portuguesa brasileira no que se refere às unidades terminológicas.

1. Teorias terminológicas

Os estudos acerca das expressões ou palavras técnicas acompanham o ponto de vista das teorias e investigações linguísticas. Sob o predomínio da Linguística histórica, o interesse diacrônico buscava a evolução das unidades ou os estudos das linguagens técnicas de épocas passadas. Na modernidade, sob a égide da Linguística geral, em uma percepção essencialmente sincrônica, podemos apontar quatro teorias de embasamento terminológico que se complementam nas investigações do fenômeno linguístico da transmissão e produção do conhecimento especializado: Teoria Geral da Terminologia, Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Teoria Sociocognitiva da Terminologia.

Da preocupação com uma possível confusão devido à desenfreada produção de novos conceitos e termos nos meados do século XX, os terminólogos começaram a unificar a terminologia com o objetivo prescritivo em busca de uma univocidade da comunicação

profissional. Seguindo essa tendência, os pressupostos organizados por Wüster (1998 [1979]) deram origem às proposições da Teoria Geral da Terminologia (TGT), que, sob o prisma da perspectiva onomasiológica, vale-se de ações estandardizadas para a associação de conceitos às denominações nas ciências ou técnicas específicas.

Com o passar dos anos, as novas necessidades comunicativas acarretaram novas aplicações terminológicas e mostraram a ineficiência dos postulados de normalização defendidos pela TGT, ocorrendo, assim, uma aproximação da terminologia com a ótica social e com o caráter comunicativo. Dessa forma, duas décadas depois, a perspectiva terminológica começa a levar em consideração o uso da terminologia em seu âmbito social, privilegiando, dessa maneira, os aspectos sociais da linguagem especializada, aproximando a Terminologia e a Sociolinguística. Nasce, então, os preceitos da Socioterminologia defendendo a inseparabilidade do fazer terminológico com o ambiente espacial onde ele acontece e com as práticas da linguagem onde ele se insere, sendo uma obra representativa os pressupostos apresentados por Gaudin (2003).

Ao longo do tempo, os estudos da pragmática reforçaram a necessidade de se estudarem as unidades terminológicas projetadas em discursos ancorados em situações comunicativas reais. Essa perspectiva originou os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) sob a égide dos estudos de Cabré (1998). Por esse prisma, as terminologias são vislumbradas como pertencentes à linguagem natural e são utilizadas em âmbitos específicos com a finalidade de representarem e transmitirem conhecimentos especializados. Essas unidades não são constituídas apenas pelas unidades terminológicas, mas também por estruturas morfológicas, fraseológicas e oracionais. Nessa teoria, os estudos das terminologias podem ocorrer independentemente sob o enfoque de uma teoria da linguagem, de uma teoria do conhecimento ou de uma teoria da comunicação. Na perspectiva linguística, as unidades são detectadas, descritas e analisadas em seu uso real a partir dos textos especializados produzidos por especialistas, constituindo as unidades de significação especializada. Sob a ótica das ciências do conhecimento se estabelece a diferença entre o conhecimento especializado e o conhecimento não especializado, sendo as unidades representativas nomeadas de unidades de conhecimento especializado. E, por último, as unidades de comunicação especializada são as terminologias estudadas sob o prisma da comunicação e são analisadas nas diversas situações comunicativas.

Os preceitos teóricos e metodológicos da TCT possibilitam as análises das estruturas terminológicas sob vários pontos de vista porque as consideram como objetos de estudos poliédricos (perspectiva de análise), multifuncionais (condições pragmática-discursivas) e multidimensionais (perspectiva dentro do âmbito temático).

Finalmente, no prelúdio do século XXI, uma nova teoria abraça os estudos das terminologias: a Teoria Sociocognitiva da Terminologia baseada nos estudos de Temmermann (2000). Nessa concepção, as terminologias também são vistas como componentes da língua geral e dessa forma passíveis das mesmas influências externas. Para Temmermann (2000, p. 270), os termos, dessa forma, devem ser descritos e analisados sob a perspectiva nominalista, mentalista e realista. Na primeira, a unidade do conhecimento é a palavra, na segunda, é uma ideia que existe na mente do falante e, na terceira ótica, a unidade do conhecimento é uma forma externa que existe no universo.

2. Textos especializados

A dimensão comunicativa da Terminologia constitui a transferência do conhecimento entre os profissionais especialistas de uma determinada disciplina por meio de textos especializados consubstanciando a chamada comunicação especializada. Esse processo comunicativo acontece preferencialmente entre interlocutores especialistas, em maior ou menor grau, que compartilham informações sobre uma área do conhecimento.

A importância dada aos textos especializados como base da comunicação especializada ocorreu com os pressupostos das teorias terminológicas mais contemporâneas. Antes delas, a comunicação especializada era alicerçada como consequência da ação de uma linguagem especializada específica paralela ou como um substrato de uma linguagem geral, caracterizada pelo conhecimento por parte do usuário do léxico técnico e das peculiaridades textuais.

Para Wüster (1998 [1979]), a terminologia é a lexicologia da linguagem especializada. Por sua vez, Arntz e Picht (1995 [1989], p. 27) a consideram como uma componente de uma linguagem especializada que tem a existência ancorada na língua comum e que a abastece por meio do fenômeno da terminologização (atribuição de um novo conteúdo conceitual a uma forma lexical conhecida). Para eles, a linguagem comum também sofre influência do léxico especializado devido à grande penetração das novas ciências e tecnologias na vida diária. Já Sager (1993 [1990], p. 42) classifica as linguagens especializadas como o subsistema linguístico que é selecionado por um indivíduo, cujo discurso se centra em um campo temático particular.

Nesse rumo, ainda, Cabré (1993, p. 139-140) entende as linguagens de especialidades como subconjuntos da linguagem geral que mantêm intersecções com a linguagem comum e, com a qual, realizam o compartilhamento de características, unidades e convenções. Para a linguista, a linguagem especializada se caracteriza pragmaticamente pelas variáveis da temática, dos usuários e das situações de comunicação linguisticamente através de unidades e regras e textualmente pelos tipos de textos e documentos.

A autora destaca, também, que as temáticas especializadas não fazem parte do conhecimento geral dos falantes de uma determinada língua, sendo necessária sua aprendizagem. Os usuários, principalmente os produtores do conhecimento especializado, são profissionais que possuem o conhecimento específico da temática e os receptores podem ser os próprios especialistas ou o público em geral. Dessa forma, observa Cabré (1993) que as linguagens especializadas apresentam variação no grau de abstração, determinada pela temática, e nos tipos textuais, determinada pelos propósitos comunicativos.

Por outro lado, com os pressupostos da TCT, as unidades que transmitem conhecimento especializado são consideradas como parte da linguagem natural e não de sublinguagens ou códigos paralelos. Cabré (1998, p. 88-89) reforça que textualmente a comunicação geral e a especializada compartilham o mesmo território e se utilizam das mesmas regras e processos linguísticos e textuais, variando apenas na seleção das unidades empregadas. Dessa maneira, a base da comunicação especializada é constituída pelos textos ou discursos especializados em contrapartida à existência de uma linguagem especializada. Para a estudiosa, os textos que cumprem a condição de especializados são os que transmitem as conceptualizações sob a perspectiva da especialidade e do

especialista, enfatizando que a especialização de um texto não está na temática, mas sim na forma como essa é veiculada, e o grau de especialização da comunicação não é determinado somente pela densidade terminológica, mas também pela quantidade de variação expressiva para referenciar um mesmo conceito. Em resumo, Cabré (1998) propõe o afastamento da noção de linguagem especializada e uma aproximação maior da percepção das situações comunicativas e de textos especializados como bases da comunicação especializada, percebidos no contexto real de uso.

Um dos maiores especialistas dos preceitos que norteiam os textos especializados é o alemão Lothar Hoffmann. O estudioso foi um dos vanguardistas a defender os textos especializados como objeto de estudo e não apenas as palavras especializadas que os estruturam. O linguista introduziu a denominação de «linguística do texto especializado» ciente de que a análise das características das línguas de especialidades, além dos limites oracionais, conduziria as pesquisas à Linguística textual.

Em suas diversas pesquisas, Hoffmann destaca a importância de se observarem, nos textos especializados, os inúmeros fatores que os tornam especializados, dentre eles, os aspectos linguísticos, analisados estatisticamente, e os discursivos, como a organização dos textos em relação à sua articulação tema-remas¹.

Para Hoffmann, os textos especializados devem ser tipificados distinguindo uma matriz estrutural, onde se observam fatores como a macroestrutura, coerência, sintaxe, léxico e categorias gramaticais, e uma matriz funcional, composta de critérios sociais, intenções comunicativas, situação e âmbito comunicativo.

Por sua vez, Ciapuscio (2008) propõe um modelo de tipologização textual focando na contribuição da terminologia na gradação da especialização dos textos. Preconiza a integração dos parâmetros nos diversos níveis ou módulos dos textos: nível funcional, que é o efeito dos textos no contexto da interação social, podendo exercer a função de expressar-se, contatar, informar ou dirigir, inter-relacionadas; nível situacional, que implementa um modelo textual convencional vinculado a uma situação, que, dentre outros, inclui o papel social dos interlocutores (especialistas, semileigos e leigos); nível do conteúdo semântico, que corresponde à seleção da informação semântica, sua disposição e organização; e o nível formal-gramatical, que contempla os preceitos retórico-estilísticos, ou seja, a adequação dos recursos linguísticos ao gênero ou classe textual, em que, no caso dos textos especializados, deve-se levar em consideração a densidade e o tratamento da terminologia.

De acordo com a linguista, essa tipologia foi determinada pela complementação dos pressupostos de Heinemann (2000)² por meio da aproximação dialógica do nível microestrutural (centrado na variação formal e conceptual do termo) com os níveis macroestruturais do texto (o texto visto como um todo). A análise dos distintos níveis e parâmetros contribuem para a determinação dos graus de especialização dos textos

¹ De acordo com Xavier e Mateus (1992), no modelo funcionalista da Escola de Praga, rema opõe-se a tema e refere a expressão que contém a informação que o falante quer comunicar, i.e., é a parte do enunciado que mais informação traz à situação de comunicação, no sentido em que expressa significação extra, relativamente ao que já havia sido comunicado. O tema, pelo contrário, é a parte do enunciado que menos informação traz à situação de comunicação.

² Heinemann, W. (2000). *Textsorten. Zur Diskussion um Basisklassen des Kommunizierens. Rückschau und Ausblick*. En Adamzik, K. (ed.). *Textsorten*. Tübingen: Stauffenburg Verlag Brigitte Narr GmbH.

envolvidos fundamentada linguístico-textualmente, oferecendo uma sustentação analítico-textual.

3. Fraseologias especializadas

Apesar de as teorias terminológicas priorizarem seus estudos nos pressupostos linguísticos dos termos, vistos como elementos léxicos de base nominal, simples ou complexos, pertencentes a um sistema de conceitos, as unidades sintagmáticas não pertencentes ao sistema nocional e que igualmente transmitem o conhecimento especializado também fazem parte dos interesses dos estudiosos, ainda que secundários. Arntz e Picht (1995 [1989], p. 53) destacam que não há dúvida de que os termos são os principais portadores da informação especializada, no entanto, só em raríssimos casos eles podem cumprir essa função comunicativa sem a complementariedade de meios linguísticos adicionais que também apresentam caráter especializado, formando, assim, relações entre conceitos.

Essas combinações léxicas, doravante Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE)³, ganharam expressividade nos estudos a partir do final da década de 1980. Para Arntz e Picht (1995 [1989]), isso se deve à grande importância dada à Terminologia, à Lexicografia terminológica e aos estudos dos textos especializados que elevaram os interesses às frases especializadas como elementos de enlace entre o termo e a oração. E, para Rousseau (1993, p. 9, tradução nossa), a responsabilidade recai sobre a abertura do domínio da terminologia à fraseologia com a publicação da norma ISO 1087, em 1989, que insere entre as tarefas da Terminologia, o estudo dos aspectos fraseológicos das línguas de especialidades, definindo-os como um «subsistema linguístico que se utiliza de uma terminologia e de outros meios linguísticos visando a não ambiguidade da comunicação em um domínio particular»⁴.

As visões a respeito da conceptualização, denominação e constituições das UFE variam conforme as concepções propostas para as estruturas sintagmáticas. Elas perpassam por estruturas de base nominal (Blais e Pavel, 1993), equivalentes a frases inteiras (Gouadec, Pesant e Thibault, 1993), de base verbal (Cabré, Lorente e Estopà, 1996; e Lorente, Bevilacqua e Estopà, 2002), e de base eventiva (Bevilacqua, 2004).

Blais (1993, p. 52, tradução nossa) propõe, como definição ao fenômeno, a «combinação de elementos linguísticos próprios de um domínio de especialidade, sendo um deles um termo que serve de núcleo, que se relacionam semanticamente e sintaticamente e para os quais existe uma restrição paradigmática»⁵. Para a linguista, a diferença de uma combinação léxica terminológica complexa e um fraseologismo especializado está no fato de que o primeiro apresenta uma noção de maneira unívoca e o outro, de uma combinação de noções. Nesse caminho, Pavel (1993, p. 70) defende que a

³ As denominações para as combinações léxicas de interesse fraseológico são inúmeras. Nesta pesquisa, usamos a denominação de Unidade Fraseológica Especializada (UFE) quando se tratar de forma genérica. As outras denominações aparecem conforme a fundamentação teórica de cada autor.

⁴ *Sous-système linguistique qui utilise une terminologie et d'autres moyens linguistiques et qui vise la non-ambiguïté de la communication dans un domaine particulier.*

⁵ *Combinaison d'éléments linguistiques propre à un domaine de spécialité, dont l'un est un terme noyau, qui sont liés sémantiquement et syntactiquement et pour lesquels il existe une contrainte paradigmaticque.*

fraseologia da língua de especialidade é uma combinatória sintagmática das unidades terminológicas, que servem como núcleos de coocorrências usuais ou privilegiadas, com outras estruturas linguísticas. As combinações são de base (ou núcleo) nominal, adjetival ou verbal, que designam entidades, propriedades, processos ou relações entre conceitos, e apresentam vários graus de fixidez (combinações fixas, restritas, livres), comutatividade, compactação, frequência, especialização e previsibilidade léxico-semântica.

Para Gouadec (1993, p.84), a fraseologia é sempre constituída de uma base, simples ou complexa, que permite no seu entorno ou interior uma ou mais variáveis significativas. A estrutura pode ser especializada ou não e, diferentemente do termo que, do ponto de vista estrutural, reflete uma organização «plana», ou seja, cada elemento contribui com uma parte da especificação, a fraseologia sempre apresenta uma estrutura hierárquica que combina uma base e uma variável ou uma matriz e uma ou mais variáveis. Já Pesant e Thibault (1993, p. 25) reconhecem o fenômeno da coocorrência como uma associação de palavras mais ou menos livres, não cristalizada, de formas lexicais e gramaticais simples que aparece em blocos em contextos restritos suscetível de certas variações. As unidades linguísticas que coocorrem são de categorias distintas e formam combinações de uso em um domínio terminológico.

Seguindo a perspectiva terminológica, Cabré, Lorente e Estopà (1996), amparadas em critérios gramaticais, estruturais, de frequência, de fixidez e variação dos componentes, estipulam que são considerados UFE os sintagmas verbais que atendam às condições de não possuírem um verbo no infinitivo como complemento, não apresentarem elementos linguísticos com a função de determinantes e disporem de uma unidade terminológica no sintagma nominal que forma o complemento.

No início do século XXI, Lorente, Bevilacqua e Estopà (2002) apresentam uma análise morfológica e sintática de unidades fraseológicas especializadas baseada em estudos lexicalistas com o objetivo de distingui-las dos sintagmas discursivos e unidades terminológicas complexas, mediante exame de um corpus formado por conjunto de sintagmas nominais e verbais que apresentam núcleo deverbal. No trabalho, as linguistas analisam apenas as fraseologias verbais e nominais especializadas, essas últimas como resultados da nominalização das primeiras. Para Lorente, Bevilacqua e Estopà (2002, p. 651), a natureza fraseológica de uma unidade especializada está no caráter eventivo de seu núcleo, sendo um verbo ou uma nominalização deverbal que apresenta natureza relacional, eventividade de processo ou ação, e nunca de estado, e sempre com caráter predicativo, nunca copulativo. Apresentam como possíveis constituições as estruturas: núcleo fraseológico [V] + complemento fraseológico (sujeito ou objeto direto); e dos sintagmas nominais: núcleo fraseológico [V]N + complemento fraseológico (complemento do N).

O aprofundamento desses estudos deu origem à tese de doutorado de Bevilacqua (2004). Nessa oportunidade a pesquisadora apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos para a análise das unidades fraseológicas formadas a partir de um núcleo eventivo, caracterizando-as como sendo unidades sintagmáticas formadas por um ou mais termos e que são constituídas por um núcleo terminológico (NT) e um núcleo eventivo (NE), de caráter terminológico ou não, procedente de verbo e que se manifesta como verbo, nome deverbal ou particípio. Bevilacqua (2004, p. 67) classifica as UFE em eventivas nucleares, que são aquelas cujo NT representa os processos e ações

relacionados à temática central da área técnica, e em eventivas periféricas as que são formadas por uma unidade terminológica (UT) que representa atividades secundárias que sustentam os processos principais.

4. Variação terminológica

De acordo com Ciapuscio (2002, p. 371), o aporte teórico que fundamenta o vínculo entre a variação terminológica e os níveis superiores dos textos é formado pela vertente «cognitivo-textual», desenvolvida por Wichter (1994); a vertente disciplinar da «terminologia comunicativa», formulada por Cabré (1997); e a vertente «textual-terminológica» desenvolvida pela linguista.

Para Wichter (1994, apud Ciapuscio, 2002, p. 371), as estruturas do vocabulário são distintas nos diferentes níveis individuais verticais. Dessa forma, uma disciplina ou um campo do conhecimento específico está representado de maneira diferente conforme o nível cognitivo do sujeito, tendo em vista que o léxico é concebido como a soma do conhecimento de uma comunidade linguística, distribuído verticalmente entre os dois extremos da expertise em um campo de saber específico: os expertos e os leigos. Essa variação é analisada não só em função da dimensão linguística, mas também, levando em consideração a dimensão da comunicação. Dessa forma, há distintas classes textuais que constituem a comunicação externa à disciplina, entre expertos e leigos, e a comunicação interdisciplinar, entre expertos de diferentes disciplinas, constituindo, assim, a competência pessoal. Por outro lado, os documentos textuais que exteriorizam as expressões estabelecidas pelas pessoas também refletem o conhecimento vertical em forma de conteúdos textuais.

A tendência disciplinar da Terminologia comunicativa está baseada nos pressupostos da TCT, capitaneada por Cabré (1998), que fundamenta os estudos das unidades que transmitem conhecimento especializado por meio do “modelo das portas”: sob o enfoque de uma teoria da linguagem, de uma teoria do conhecimento ou de uma teoria da comunicação. O umbral de entrada para as análises das variações conceituais e linguísticas é a da perspectiva da comunicação que leva em conta a dimensão comunicativa e discursiva das unidades especializadas. Como princípio da variação, a linguista enfatiza que esse fenômeno ocorre em formas alternativas de denominação de um mesmo conceito (sinonímia) ou na abertura da significação de uma mesma forma linguística (polissemia). Salienta, também, que esse princípio é universal e admite diferentes graus conforme a situação comunicativa, sendo o grau máximo encontrado nas áreas mais banalizadas do saber e o grau mínimo, nos registros comunicativos de divulgação da ciência e da técnica, em que normalmente se apresentam como uma terminologia normalizada pelos expertos. Por sua vez, o grau intermediário representa a terminologia usada na comunicação natural entre especialistas.

Finalmente, a perspectiva «textual-terminológica», concebida por Ciapuscio (2008), é baseada nos instrumentos teórico-metodológicos da linguística do texto, da lexicologia vertical de Wichter (1994) e na concepção de termo da TCT de Cabré (1998). Essa vertente defende que a variação conceitual e formal não está condicionada ao nível cognitivo lexical, mas à sua vinculação com nível de especialização do texto. Para a linguista, o texto conjuga em si diferentes níveis linguísticos consubstanciando um

sistema dinâmico, no qual as unidades e as relações ao nível da microestrutura, léxico e gramática, estão relacionadas aos fatores de ordem textual superior, aspectos funcional-comunicativos e temáticos, que são mutuamente condicionados pelos primeiros. Em resumo, afirma a estudiosa que a variação conceitual e o grau de especialização dos textos estão intrinsecamente relacionados e são explicados a partir dos fatores: funcional (propósitos da comunicação), situacional (interlocutores, relação entre eles, meio ou canal, etc.) e temático-semântico. O primeiro é entendido como o propósito comunicativo do produtor expressado com recursos válidos convencionados em uma comunidade linguística, O segundo inclui, dentre outros, o marco da interação entre os interlocutores e a comunicação dentro ou fora das instituições. Por sua vez, o terceiro indica o núcleo conceptual mínimo do texto que é representado por uma paráfrase resumidora.

5. Reduções sintagmáticas

As variações terminológicas também podem ocorrer por meio do fenômeno linguístico da redução dos sintagmas terminológicos. Adelstein (2002) apresenta de forma categórica os pressupostos que regem o reducionismo das estruturas sintagmáticas terminológicas. Como aspectos importantes aponta, dentre outros, que o fenômeno coloca em xeque o critério da frequência para a identificação de uma unidade léxica especializada, tendo em vista que sua reiteração é um dos fatores que determina o feito.

A linguista destaca que na terminologia ocorrem dois tipos de reduções dos sintagmas: a anafórica, que se caracteriza por ser fundamentada em teorias da sintaxe, por contribuir para a coesão e coerência do texto, evitar a repetição e favorecer a economia verbal; e a léxica, que, alicerçada em regras lexicais, consiste na modificação da sequência linear de um sintagma terminológico por um apagamento de um ou mais constituintes, acarretando uma variante também especializada.

A redução léxica não é aplicável a todos os tipos de sintagmas especializados, mas pode ser caracterizada em vários planos: no plano textual, contribui para a coesão e coerência textuais e favorece a economia verbal; no plano conceptual, o sintagma reduzido absorve os valores conceptuais dos constituintes elididos; no nível léxico, cria variantes terminológicas lexicalizáveis que possuem o mesmo significado que o sintagma pleno; e, no plano sintático, o sintagma reduzido, por constituir uma variante formal, deve manter a categoria gramatical do sintagma terminológico pleno. Isso pode implicar mudança gramatical do elemento elidido.

Destaca Adelstein (2002, p.120) que há dois tipos de condições que fundamentam a redução léxica: uma interna, relacionada às características morfossintáticas e conceptuais do sintagma terminológica pleno e ao estatuto terminológico dos seus constituintes (palavra ou termo), e outra externa, que é relativa ao uso, ao nível de especialização e ao tipo de texto que ocorre.

6. Semitermos

A última particularidade que colocamos em tela é a relação das unidades terminológicas com os semitermos. Os semitermos são unidades léxicas que aparecem em quase todas as ciências especializadas e se caracterizam por designarem noções gerais

(entidades, relações, propriedades, etc.) e concepções de alto grau de abstração (sistema, estrutura, fator, função, características, componentes, elementos, conjuntos, etc.). Por serem altamente polissêmicas e pertencerem ao léxico comum, essas unidades linguísticas passam despercebidas nos textos especializados, no entanto, possuem uma função importantíssima nas sequências descritivas e explicativas na discursividade textual, aparecendo nos escritos com uma alta frequência. Para Knornfeld e Blainsten et al (2002, p. 237, tradução nossa), «estas formas se referem a noções muito gerais como 'entidades', 'relações', 'propriedades', com alto grau de abstração: sistema, estrutura, fator, função, características... »⁶.

De acordo com Knornfeld e Blainsten et al (2002), essas unidades são caracterizadas, sob o ponto de vista semântico, pela referenciação a noções abstratas e pouco específicas devido à característica polissêmica, sendo imprescindíveis nas descrições científicas de objetos e fenômenos. No tocante à relação com léxico comum e o léxico especializado, elas possuem um estatuto particular entre os itens lexicais da língua geral e os termos, de forma que as acepções mais abstratas se restringem aos textos especializados e são percebidas como parte do vocabulário científico. Sob o ponto de vista neológico, os semitermos são produtivos na criação de novos termos por derivação morfológica (*estrutura*→*estrutural*→*estruturalismo*) e constituem a base para a criação de novos semitermos e sintagmas terminológicos (*objeto de estudo*) e, em outras ocasiões, podem ser considerados termos de uma determinada área.

7. Conclusão

Tentamos, com esta revisão bibliográfica, mostrar algumas particularidades das unidades terminológicas que podem ser alvos de pesquisas e análises na comunidade linguística do português brasileiro. Ao mostrar o leque de possibilidades de estudo no universo linguístico da comunicação especializada, queremos estimular novas pesquisas sob novos pontos de vista.

Ao observarmos os pressupostos das teorias terminológicas e dos textos especializados e relembrarmos as conjecturas da fraseologia especializada, da variação denominativa e conceitual das UT, da redução do sintagma terminológico e das relações com os semitermos, notamos quão diversificado linguisticamente é o domínio da comunicação especializada.

Dessa forma, almejamos que os pressupostos finais articulados nesta investigação possam contribuir para novas perspectivas de estudos que envolvam as particularidades das unidades terminológicas, uma vez que todas as pesquisas voltadas ao estudo do léxico são importantes fontes de conhecimento sobre a formação da língua e os aspectos socioculturais de uma comunidade linguística.

⁶ Estas formas se refieren a nociones muy generales, como 'entidades', 'relaciones', 'propiedades', con alto grado de abstracción: sistema, estructura, factor, función, rasgo...

Referências bibliográficas

Adelstein, A. (2002). Condiciones de reductibilidad léxica de los sintagmas terminológicos. En Correia, M. (ed.). *Terminología, desarrollo e identidad nacional*. (pp. 577 -594). Lisboa: Edições Colibri, ILTEC.

Arntz, R. y Picht, H. (1995). *Introducción a la terminología*. Traducción Amelia de Irazazábal. Fundación Germán Sánchez. Madrid: Ruipérez.

Bevilacqua, C. R. (2004). Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. 2004. Tese (Doctorado en Lingüística Aplicada) - Instituto Universitario de Lingüística Aplicada (IULA). Universidad Pompeu Fabra. Barcelona.

Blais, E. (1993). La phraséologie. Une hypothèse de travail. En *Terminologies Nouvelles*. (pp. 50-56). Bruxelles, n. 10. RINT.

Cabré, M. T.; Lorente, M.; Estopà, R. (1996). Terminología y fraseología. En V Simposio de Terminología Iberoamericana. (pp. 67-81). Ciudad de México. *Actas*. Ciudad de México: Colegio de México.

Cabré, M. T. (2005). *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. 2.ª ed. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada.

Ciapuscio, G. (2008). *Textos especializados y terminología*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Versão Kindle.

Ciapuscio, G. y Otañi I. (2002). La noción de esquema y la descripción del significado. En Correia, M. (ed.). *Terminología, desarrollo e identidad nacional*. (pp. 369-381). Lisboa: Edições Colibri, ILTEC.

Gaudin, F. (2003). *Socioterminologie, une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles: Duculot De Boeck.

Gaudin, F. (2014). Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. Tradução Enilde Fausltich. En Isquerdo, A. N. y Dal Corno, G. O. M. (org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. (pp. 293-309). v. VII. Campo Grande: Editora UFMS.

Gouadec, D. (1993). Extraction, description, gestion et exploitation des entités phraséologiques. In *Terminologies Nouvelles*. Pp. 83-91). Bruxelles. n. 10. RINT.

Knornfeld, L.; Blainsten, N. et al. (2002). Caracterización del funcionamiento de los semitérminos en el vocabulario especializado. En Correia, M. (ed.). *Terminología, desarrollo e identidad nacional*. (pp. 237-245). Lisboa: Edições Colibri, ILTEC.

Lorente, M.; Bevilacqua, C. R.; Estopà, R. (2002). El análisis de la fraseología especializada mediante elementos de la lingüística actual. En Correia, M. (ed.). *Terminología, desarrollo e identidad nacional*. (pp. 647-666). Lisboa: Edições Colibri, ILTEC.

Pavel, S. (1993). La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. En *Terminologies Nouvelles*. (pp. 67-82). Bruxelles, n. 10. RINT.

Pesant, G. y Thibault, E. (1993). Terminologie et cooccurrence en langue du droit. En *Terminologies Nouvelles*. (pp. 23-35). Bruxelles, n. 10. RINT.

Rousseau, L. (1993). Terminologie et phraséologie, deux composantes indissociables des langues de spécialités. In *Terminologies Nouvelles*. (pp. 9-11). Bruxelles, n. 10. RINT.

Temmerman, R. (2000). *Towards New Ways of Terminology Description. The Sociocognitive-Approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Xavier, M. F. y Mateus, M. H. (orgs.). (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*. v. 2. Lisboa: Edições Cosmos.

Wüster, E. (1998). *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Traducción María Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/Universitat Pompeu Fabra. Versão Kindle.

Fecha de recepción: 09/05/2022
Fecha de aceptación: 12/12/2022